



## **ESTUDO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DO MEIO**

**Janara Kalline Leal Lopes de Sousa**

Universidade de Brasília

O estudo dos meios de comunicação, propriamente dito, foi durante muito tempo negligenciado e mal compreendido pelos pesquisadores do saber comunicacional<sup>1</sup>. Entre o canal e a mensagem, esta era de longe a dimensão preferida dos pesquisadores. Até hoje, os estudos sobre os efeitos sociais, psicológicos, econômicos e culturais das mensagens são mais comuns do que o estudo do canal. Mas porque isso acontece? A resposta mais plausível está relacionada a "materialidade" da mensagem, quer dizer, a "visibilidade" dela. O meio de comunicação sem estar veiculando uma mensagem é invisível para as pessoas, portanto, objeto de menos curiosidade. Há muito mais pesquisadores preocupados com a influência da violência dos desenhos animados nas crianças do que com os efeitos sociais e psicológicos da televisão ou do computador nas novas gerações. Utilizar o viés do conteúdo das mensagens é somente uma das formas de pesquisa sobre os meios de comunicação.

O "conteúdo" de um meio é como a "bola" de carne que o assaltante leva consigo para distrair o cão de guarda da mente. O efeito de um meio se torna mais forte e intenso justamente porque o seu "conteúdo" é um outro meio (McLuhan, 1964, p. 33).

Esse outro meio que McLuhan comenta diz respeito ao novo ambiente social construído a partir da inserção de um novo meio de comunicação. Os meios eletrônicos, por exemplo,

---

<sup>1</sup> Essa expressão refere-se às correntes de pesquisa em Comunicação. O saber comunicacional ganhou representatividade a partir da década de 40, quando o trabalho de pesquisa na área se tornou mais intenso. A preocupação fundamental desse saber tradicionalmente se reparte entre o exame do processo comunicacional mediado pelos meios de comunicação e a análise da cultura de massa (Wolf, 1995, p. 13)



forjam uma nova paisagem social, que difere profundamente do ambiente criado pelos meios manuscritos/impressos<sup>2</sup>.

Este artigo trata dos estudos dos meios, no âmbito do saber comunicacional, especialmente dos conceitos capitais da Teoria do Meio, cujos pesquisadores principais são: Harold Innis, Marshall McLuhan e Joshua Meyrowitz. Para nos aprofundarmos na discussão sobre o objeto de estudo da Teoria do Meio é necessário, antes de tudo, elucidar qual o conceito de meio de comunicação que esta Teoria se utiliza. De acordo com Meyrowitz (1998), existem três conceitos fundamentais sobre os meios de comunicação, que desembocam em três caminhos distintos de pesquisa no saber comunicacional. O primeiro conceito está ligado a idéia dos meios como simples condutores e receptores de mensagens. Os pesquisadores do conteúdo das mensagens costumam separar o seu objeto de estudo desconsiderando as características dos meios de comunicação que estão veiculando as informações. É como se o meio fosse um veículo neutro e "natural" de entrega de mensagens.

O foco no conteúdo das mensagens dos meios de comunicação é popular por várias razões. Primeiro, o conteúdo dos meios – na sua forma manifesta – tende a ser o aspecto mais óbvio do processo comunicacional. Isto torna o conteúdo dos meios como um ponto importante de estudo. Além disso, o conteúdo dos meios tende a focar em aspectos da comunicação que não são específicos. De fato, a maior parte dos elementos do conteúdo envolve comportamentos, temas e tópicos que são utilizados facilmente por vários tipos de meios de comunicação e entre interação mediada e não mediada (Meyrowitz, 1998, p. 98).

A segunda forma de se abordar o meio de comunicação é a partir da linguagem técnica que ele utiliza. As pesquisas, relativas a este conceito, tratam da gramática dos meios, ou seja, a forma como cada um produz, potencializa e manipula o conteúdo disseminado. Este ramo de estudos é bem menos comum do que o do conteúdo por causa da dificuldade em perceber as sutis modificações que as variáveis dos meios (luz, som, efeitos de câmara, fotografia e etc) podem causar no conteúdo das mensagens.

---

<sup>2</sup> Vários teóricos do meio se dedicaram a pesquisar as diferenças entre as culturas orais e escritas (Walter Ong, Jack Goody, Harold Innis), entre as culturas manuscritas e impressas (Walter Ong e Elizabeth Eisenstein) e entre as culturas impressas e eletrônicas (Marshall McLuhan, Walter Ong e Joshua Meyrowitz).

O último conceito de meio de comunicação, relacionado por Meyrowitz, é o apropriado pela Teoria do Meio, que defende que cada meio cria um ambiente único com características relativamente fixas independentemente do conteúdo que veicula e de sua linguagem técnica.

A Teoria do Meio é a forma menos comum de análise dos meios. Isto acontece porque o ambiente criado por um meio é muito menos observável diretamente do que o conteúdo ou a gramática do meio. O ambiente criado pelo meio é mais acessível quando o meio está começando a ser usado por uma parcela significativo da população (*Meyrowitz, 1998, p. 106*).

Os meios de comunicação têm uma importância capital para as sociedades nos mais diversos aspectos. Entretanto, porque eles atuam como extensões dos nossos órgãos e sentidos é muito difícil reconhecer as mudanças das quais são agentes. Como foi comentado acima, é muito sutil a percepção do ambiente social criado pelos meios. Eles se tornam "invisíveis" aos nossos olhos por estarem irremediavelmente ligados a nós. Fazem parte do nosso corpo e ampliam nossas possibilidades de relação com o outro. McLuhan (1969, p.17) afirma que "qualquer extensão, seja da pele, mão ou pé afeta todo o complexo psíquico e social". Assim sendo, não é fácil listar as transformações que os diversos meios promovem nas sociedades.

As duas primeiras conceituações de Meyrowitz sobre os meios (como simples condutores ou a partir da linguagem técnica) não geram pesquisas que considerem o meios de comunicação como agentes de transformação. Principalmente, quando se considera o canal como um simples transmissor se reduz drasticamente as possibilidades de estudo sobre as especificidades de cada meio. Afinal, nesse caso, não se "vê" o canal e tão somente as mensagens veiculadas por ele. O segundo conceito, apesar de mais amplo que o anterior, ainda limita as pesquisas no âmbito da mensagem por que mesmo considerando certas características do meio, o foco ainda está restrito na influência delas sobre o conteúdo. É somente o terceiro, que defende que o canal é capaz de transformar o ambiente social em que está inserido, o único que abre as portas para que os estudiosos do meio possam se dedicar ao exame dos efeitos dos meios de comunicação propriamente ditos no comportamento social.

Esclarecido o conceito de meio de comunicação utilizado pela Teoria do Meio podemos agora entender melhor um pouco da história e das principais proposições teóricas que ela sustenta.



A Teoria do Meio, nascida aproximadamente em 1950, no Canadá, se propõe a investigação dos efeitos sociais, políticos, econômicos e psicológicos dos meios de comunicação na sociedade. Harold Adams Innis foi o primeiro autor a discutir as implicações da inserção de um novo meio de comunicação nas sociedades. Innis se dedicou a estudar a ascensão e queda dos impérios em virtude da utilização de um novo meio.

Innis investigou a influência política, social e econômica dos meios escritos e impressos em diversas civilizações. O autor defende que a inserção de um novo meio de comunicação provoca profundas mudanças na sociedade, que precede e se sobrepõe aos possíveis efeitos provocados pelas mensagens ou idéias divulgados nos canais. O autor se dedicou a explicar a relação direta entre os meios de comunicação e o poder.

O professor de Literatura Marshall McLuhan, seguidor de Innis, deu inúmeras contribuições e popularizou as idéias da Teoria do Meio. McLuhan, na década de 60, investigou os efeitos dos meios de comunicação na sociedade desde a escrita até a televisão. O autor estudou como os meios funcionam como extensões de partes do nosso corpo e explicou, utilizando conceitos de narcose e auto-amputação, por que é tão difícil perceber as transformações provocadas por eles.

McLuhan ficou conhecido por suas idéias polêmicas. O Visionário da Comunicação, como também é conhecido, lançou dois aforismos importantes, que ainda hoje fazem parte da base teórica da Teoria do Meio: *o meio é a mensagem* e *os meios de comunicação são extensões do homem*. Segundo o autor, a mensagem mais importante que os meios de comunicação podem nos transmitir é, sem dúvida, a tempestade de transformações que eles provocam em todos os setores de nossas vidas.

Innis, McLuhan, Walter Ong, Jack Goody, Carothers, Eric Havelock, Edmund Carpenter, Daniel Boorstin, Elizabeth Eisenstein e outros fazem parte da primeira geração de teóricos do meio. Esses autores detiveram sua atenção sobre os efeitos dos meios de comunicação nas grandes instituições sociais, ou seja, se preocuparam em fazer análises macrosociais. É importante esclarecer que nenhum desses autores falou ou se considerou membro de qualquer corrente de pesquisa. A designação genérica, Teoria do Meio, foi empregada por Meyrowitz, na década de 80, para distinguir os autores que partilhavam de pensamentos comuns em relação aos efeitos dos meios de comunicação. Meyrowitz resolveu

ressaltar a similaridade, a continuidade e a pertinência dos objetos de pesquisa existente entre esses estudos.

Teoria do Meio afinal é um rótulo empregado para designar certos pensadores que rigorosamente formaram uma tradição de pesquisa e não uma teoria. A rigor não podemos considerar essa corrente de pesquisa como uma teoria por causa de suas lacunas metodológicas e epistemológicas. Entretanto, usamos a designação de Meyrowitz para não deixar de reconhecer a similaridade e a continuidade existente entre as pesquisas desses autores e também para não desconsiderar o valioso esforço do autor na busca dos principais pesquisadores e pressupostos teóricos que formam a Teoria do Meio.

A segunda geração, representada por Joshua Meyrowitz, a partir da década de 80, se preocupa em aproximar a Teoria do Meio ao cotidiano do homem comum. Para o autor, a segunda geração desce do alto nível de abstração das análises macrosociais para se preocupar com a influência dos meios de comunicação na rotina do cidadão. É nessa fase que os estudos de Innis e McLuhan são unem-se ao Interacionismo Simbólico, de Erving Goffman.

Apresentada um pouco da história da Teoria do Meio, podemos agora nos aprofundar na discussão das características do objeto de estudo dessa corrente de pesquisa. A Teoria do Meio, de uma forma geral, não desconsidera a importância do conteúdo das mensagens, mas centra o foco de atenção sobre o canal porque ele pode trazer conseqüências muito mais significantes. Portanto, ela centra sua preocupação nas características específicas de cada meio de comunicação:

A Teoria do Meio examina cada variável como sentidos que são requeridos para tratar o meio, se a comunicação é bi-direcional ou unidirecional, quão rápido as mensagens são disseminadas, se o aprendizado de como codificar ou decodificar num meio é difícil ou simples, quantas pessoas podem assistir a mesma mensagem no mesmo momento, e assim, em diante. Os teóricos do meio discutem que cada variável influenciou o uso dos meios e seu impacto social, político e psicológico (*Meyrowitz, 1985, p.51*).

Meyrowitz afirma que os pesquisadores do meio se perguntam: quais são as características de cada meio de comunicação e como elas fazem o meio fisicamente, psicologicamente e socialmente diferente de outros meios e da interação face a face?



De acordo com McLuhan (1964), os efeitos da tecnologia vão além dos níveis de opinião e atitudes para modificar as relações entre os sentidos e as estruturas de percepção. Para os teóricos do meio esse é o motivo pelo qual o estudo do canal é tão importante e, nesse caso, até mais que o estudo das mensagens. O meio media as relações entre os homens e entre o homem e o meio-ambiente sem ser percebido, mas transformando toda a predisposição original de se comunicar e perceber o mundo.

Para deixar mais claro afinal qual é o objeto de estudo da Teoria do Meio é possível citar um exemplo vulgar que nos oriente. Imagine como era a humanidade sem a existência de automóveis. Imagine mesmo o homem antes da invenção da roda. Se um homem saudável consegue fazer, em média, 7km/h numa caminhada e o uso da roda lhe permitiu percorrer o dobro desse espaço no mesmo lapso de tempo, o que muda na vida desse homem? Com o surgimento do automóvel o homem conseguiu, em princípio, alcançar uma velocidade de 50km/h. A pergunta de um teórico do meio seria: será que a relação espaço-temporal desse homem ainda é a mesma? Será que a relação do homem com seu meio ambiente permanece igual? É Claro que não! Se o homem consegue, por meio de um instrumento artificial, diminuir drasticamente o tempo de percurso do mesmo espaço tudo muda. A percepção espaço-temporal se transforma, começam a surgir novas exigências, como estradas cada vez mais largas, cidades fragmentadas, os subúrbios, temos, de fato, uma nova organização política, social, psicológica e cultural por causa do automóvel. “Todos os hipopótamos, rinocerontes e elefantes do mundo reunidos numa cidade não dariam nem para começar a criar a ameaça e a intensidade explosiva do engenho da combustão interna” (McLuhan, 1964, p.248).

Com os meios de comunicação que conhecemos é a mesma coisa. Eles transformam diretamente nossa percepção do mundo, nossas estruturas políticas e sociais. O aparecimento da escrita, por exemplo, foi uma revolução sem precedentes na vida dos povos orais. Eles conseguiram uniformizar os sons das palavras e conservar/resgatar seu conhecimento. A imprensa, por seu turno, possibilitou a ampliação do acesso aos fluxos de informação. E o caso do telefone, o quanto ele simplificou/agilizou a relação entre pessoas geograficamente distantes? O volume de informação e conhecimento multiplicou, a forma de acesso ao conhecimento foi otimizada, o tempo para esse acesso foi acelerado. Isso, sem dúvida, implicou numa nova forma de organização para produzir, disseminar e controlar o



conhecimento. Para McLuhan (1964), todos os sentidos se alteram com a aceleração porque todos os padrões da interdependência pessoal e política se alteram com a aceleração da informação.

A Teoria do Meio tem como objeto de pesquisa os efeitos dos meios de comunicação no comportamento social. Como podemos perceber no exemplo acima, as técnicas mudam a vida do homem e, portanto, interferem na forma como ele age no mundo. Se o automóvel, um meio de transporte, consegue provocar esse sem número de transformações em nossas vidas imagine só as mudanças que os meios de comunicação, que agem diretamente sobre nossa percepção, não são e foram capazes de provocar.

A proposta da Teoria do Meio é refletir sobre essa influência, especialmente, das tecnologias comunicacionais já que estas interferem diretamente na nossa forma de ver e perceber o mundo. Nos interessa saber como o comportamento das pessoas é alterado por causa da inserção de um novo meio de comunicação. Portanto, é preciso reafirmar que os meios de comunicação assumem tal importância no cotidiano do homem que o próprio ambiente cria situações que exigem o uso constante deles. O homem conta com os meios de comunicação como conta com um órgão qualquer do seu corpo. Os meios não são meros "transportadores" de informação. Eles, ao mesmo tempo em que as divulgam, atuam diretamente sobre o conhecimento. A forma de transmissão de um canal tem implicações diretas na forma da sociedade ver o mundo.

Não é difícil pensar, por exemplo, que os diversos meios têm suas formas próprias de divulgar informações, que para captarmos precisamos providenciar esforços diferentes. Por exemplo, a escrita trouxe consigo o mundo visual, o rádio o mundo auditivo e a era elétrica o mundo tátil. Cada um desses meios demanda um esforço especial de um ou alguns órgãos dos sentidos.

É necessário conhecer os efeitos dos meios de comunicação para aprender a viver melhor com eles e, até mesmo, prever alguns efeitos possíveis. Conhecer os efeitos dos meios nos permite conhecer melhor nosso período sócio-histórico-cultural. Para McLuhan (1969, p.54) "toda compreensão das mudanças sociais e culturais é impossível sem o conhecimento do modo de atuar dos meios com o meio ambiente". Os efeitos das tecnologias comunicacionais não podem ser evitados. Não é simples como deixar de assistir televisão e de ler jornal por um mês. Numa cultura que suporta determinados meios de comunicação, um





homem privado do conhecimento destes provavelmente não vai se adaptar facilmente a esta cultural porque até a forma de raciocínio difere. É o mesmo que pedir alguém que vive numa sociedade de tradição exclusivamente oral para viver em nossa sociedade. Esta pessoa está privada da nossa estrutura de pensamento e da nossa forma de percepção, de uma forma geral, ela dificilmente vai poder ver e interagir com o mundo da mesma forma com que nós o fazemos. E nós também teríamos imensas dificuldades em nos adaptar numa sociedade de forte tradição oral. Portanto, é fundamental nos dedicarmos ao estudo dos meios de comunicação porque eles são uma das formas de entender melhor as sociedades e o comportamento do homem dentro delas. A Teoria do Meio foi uma opção do leque existente no saber comunicacional que nos pareceu mais apropriada por causa da sua clareza e persistência quanto ao meio de comunicação como objeto de pesquisa.

Na primeira parte deste artigo tratamos do objeto de estudo da Teoria do Meio – os meios de comunicação propriamente ditos e a influência deles no nosso comportamento social, psíquico, político, econômico das pessoas e da sociedade – e dos seus principais pressupostos teóricos. Entretanto, ainda não foi discutido os estudos dos teóricos do meio. Certamente, não é possível discutir cada autor isoladamente nesse momento, nem mesmo aprofundar a discussão num único autor. Mas, na perspectiva de tornar mais claro a pesquisa da Teoria do Meio, é preciso ingressar um pouco mais aprofundadamente nos pressupostos teóricos dessa corrente de pesquisa. Portanto, vamos apresentar e discutir de forma breve alguns tópicos do pensamento do americano Joshua Meyrowitz, que deu nome a Teoria e se auto-intitula integrante da segunda geração. O trabalho do autor é, sem dúvida, o que podemos citar de mais recente no âmbito das pesquisas da Teoria do Meio.

### **Teoria do Meio Hoje: o pensamento de Joshua Meyrowitz**

O que pensam os teóricos do meio atualmente? A tendência dos pesquisadores da segunda geração Teoria do Meio é se preocupar com questões mais pontuais e próximas do cotidiano do homem, diferente dos caminhos que os autores da primeira geração trilharam. Como já mencionamos antes, o principal representantes dessa nova geração é, sem dúvida, Meyrowitz. E são algumas das suas proposições e os novos rumos que ele confere a essa corrente de pesquisa que vamos discutir a partir de agora.





A maior contribuição que o autor traz para a Teoria do Meio é a convergência dos estudos do meio ao Interacionismo Simbólico. O que Meyrowitz propõe agora é diminuir o nível de abstração colocado pelos autores da primeira geração. As proposições de McLuhan e Innis estão no nível macro – o das instituições. Os autores trabalharam a influência dos meios nas nossas instituições sociais e, portanto, colocam suas afirmações de forma geral e longe do dia-a-dia das pessoas comuns. Isso provavelmente foi um dos obstáculos que os autores enfrentaram porque suas asserções não podiam ser facilmente percebidas pelos cidadãos comuns. McLuhan, por exemplo, foi muito criticado por ter predito o fracasso do sistema tradicional de ensino. Na década de 60, isso, de fato, não condizia com as expectativas da maioria das pessoas, pelo contrário, esse posicionamento só aumentava o coro dos críticos da Teoria do Meio.

A proposta de Meyrowitz é sanar alguns dos problemas da primeira geração pesquisando sobre como os nossos papéis sociais se modificam e misturam por causa dos meios de comunicação eletrônicos, em especial, a televisão. A segunda geração da Teoria do Meio se preocupa em pesquisar como os meios de comunicação eletrônicos modificam a interação face a face dos cidadãos comuns. O autor procura explicar os efeitos dos meios eletrônicos na mudança da relação entre localização física e acessibilidade social, na mistura das diversas situações sociais e no abalo das fronteiras entre o público e o privado.

Para o autor não é difícil perceber as mudanças que os meios de comunicação eletrônicos provocam no nosso sentido de espaço. Aliás, eles diminuem drasticamente a importância da nossa presença física nos diversos ambientes. Podemos nos contactar com pessoas geograficamente distantes sem sair do lugar. O telefone, por exemplo, modifica o nosso sentido de encontro. Estar conectado as pessoas não é necessariamente está no mesmo ambiente físico que elas. Conforme Meyrowitz, nós perdemos nosso sentido de "lugar" e ganhamos novas noções de comportamento social e identidade.

A teoria desenvolvida aqui estende o estudo das situações estáticas para o estudo das situações dinâmicas e estende a análise das situações fisicamente definidas para a análise dos ambientes sociais criados pelos meios de comunicação (*Meyrowitz, 1985, p. ix*).



Se o telefone muda o nosso sentido de lugar também modifica as nossas situações sociais porque nos dá novas formas de vivenciá-las. Os meios de comunicação eletrônicos promovem novas formas de acesso a informação que desencadeiam uma nova paisagem social com novas limitações na fronteira entre o público e o privado.

Para explicar como os meios de comunicação eletrônicos modificam as diversas situações sociais influenciando diretamente nossos comportamentos sociais, Meyrowitz usa três tipos de categorias sociais para desenvolver suas proposições: grupos de identidade, socialização e hierarquia. O autor escolheu essas categorias porque elas estão presentes na vida diária de qualquer homem e não são exclusivas entre si, ao contrário, elas são geralmente vividas de forma concomitante. Certo indivíduo pode concentrar em si diferentes papéis sociais: ser pai, aluno, profissional. Os grupos de identidade são compostos pelo que o autor chama de "separados mas iguais", como homens e mulheres. Socialização são as etapas que todos passamos quando, para atingirmos um determinado objetivo, precisamos ter um fluxo gradual e controlado de informações, por exemplo, passar da infância para a fase adulta. Hierarquia concerne aos "separados e desiguais", ou seja, às pessoas que têm níveis de informações diferenciados, como políticos e eleitores.

Essas três categorias de papéis não foram escolhidas porque são mutuamente exclusivas, mas porque em combinação elas são socialmente inclusivas; isto é, tomadas juntas, elas cobrem virtualmente toda a fachada de cada papel social. Realinhamentos nos grupos de identidade, estágios de socialização e ordem de hierarquia mudariam toda a estrutura da vida social (*Meyrowitz, 1985, p. 53*).

Meyrowitz se apropria dessas categorias para detalhar a influência dos meios de comunicação sobre elas e com isso, dada a abrangência desses papéis, mostrar o comportamento social e as situações sociais de toda a sociedade.

De acordo com o autor, nos grupos de identidade as pessoas estão unidas pelo que elas sabem umas sobre as outras, mas "escondem" dos outros grupos. Colocando de forma diferente, nos reconhecemos como parte de um grupo quanto mais nós participamos do comportamento privado desse grupo. E isso não tem necessariamente nenhuma relação com a localização geográfica. Por exemplo, se dois brasileiros, que nunca se viram antes, um morador da região sudeste e outro da região nordeste se encontrarem na França vão sentir que



compartilham inúmeras informações que os fazem um grupo separado aos dos franceses. O que Meyrowitz defende é que os grupos de identidade variam de acordo com o sentido dos "nós" e do "eles" e isso depende diretamente do fluxo de informações a que as pessoas têm acesso. Os membros de um mesmo grupo se reconhecem pelas informações e experiências similares.

Em linhas gerais, o autor acredita que a enxurrada de informações proporcionadas pela televisão tem impacto direto nos grupos de identidade. Uma vez que os grupos têm informações uns sobre os outros, as barreiras tradicionais existentes entre eles são enfraquecidas, ou seja, o sentido de “nós” e “eles”, dentro dos grupos, é perturbado.

As etapas de socialização acontecem quando as pessoas recebem informações graduais e seqüenciadas para se tornarem parte de um grupo. Essas etapas de socialização são socialmente convencionadas e sofrem interferência direta dos meios de comunicação por possibilitarem o acesso a informação. Segundo Meyrowitz, quanto mais o meio agrupar as pessoas (pela idade ou pelo nível de conhecimento) mais ele cria etapas de socialização. Mas, se ao contrário, o meio tiver menos controle sobre o acesso a informação, teremos menos estágios de socialização. No caso de um estudante de medicina, por exemplo, quanto mais ele conhecer sobre o comportamento privado da classe médica, mais rápido ele se comportará como um médico. O meio pode acelerar ou retardar o processo de socialização de acordo com a liberação de informações sobre os comportamentos privados.

Quanto mais um meio dá suporte a relação entre isolamento físico e isolamento informacional, mais ele dá suporte à separação das pessoas dentro de muitas e distintas posições de socialização. Quanto mais um meio permite o acesso das pessoas a informação sem que eles deixem seus velhos espaços e sem romper com suas velhas afiliações, mais ele fomenta a homogeneização dos estágios de socialização (*Meyrowitz, 1985, p. 61*).

De acordo com Meyrowitz a facilidade como que os meios eletrônicos disponibilizam o acesso á informação em diferentes regiões simultaneamente faz com que nós saibamos cada vez mais sobre as etapas de socialização dentro dos grupos. Isso implica, segundo Meyrowitz, que quanto mais sabemos sobre as etapas de socialização, dentro de um determinado grupo, mais nos consideramos como iguais.



Finalmente, os papéis hierárquicos dependem de quem tem e que não tem acesso a informação. Quanto mais se consegue controlar esse acesso, maior será a distinção entre as pessoas. A autoridade é fortalecida ou enfraquecida de acordo com a possibilidade de acesso aos sistemas de informações. Meyrowitz acredita que o meio de comunicação pode interferir diretamente nos papéis de hierarquia porque eles dependem de esconder o comportamento privado para conservar a aura de mistério e magia. Quanto mais o meio der acesso aos comportamentos privados mais ele tende a tornar as pessoas ou grupos iguais. Por exemplo, conhecer os outros papéis que os políticos atuam, quando não estão na frente do público ou quando estão interagindo com diferentes audiências, pode desmitificar a aura que produzimos em torno da imagem heróica dele e revelar a sua "humanidade" vulgar.

Se antes a autoridade estava ligada ao controle territorial, agora, com os meios de eletrônicos, ela está intrinsecamente ligada ao controle da informação. Para Meyrowitz, quanto mais o meio de comunicação manter a relação entre isolamento físico e inacessibilidade social, mais ele dá suporte as mitificações hierárquicas. Reciprocamente, quanto mais o meio rompe com a localização física, como é o caso da televisão, mais ele fomenta a possibilidade da mesma chance de acesso a informação entre as pessoas.

As categorias sociais descritas acima são a forma pela qual Meyrowitz desenvolve suas pesquisas sobre a influência dos meios de comunicação eletrônicos na interação face a face do cidadão comum. Certamente, o autor desenvolve e aprofunda muito mais sua argumentação, especialmente na obra *No sense of place – the impact of electronic media on social behavior*, do que podemos apresentar nesse artigo. Entretanto, já podemos fazer algumas observações sobre o pensamento do autor. Talvez a crítica mais importante seja relativa a superestimação do meio de comunicação não só na obra de Meyrowitz, mas também nas de todos os outros teóricos do meio. O autor coloca a televisão como centro principal de todas as transformações sociais, quando, na verdade, seria mais prudente tomá-la como um dos inúmeros vetores de transformação da vida social. É, sem dúvida, uma leitura superficial demais. A leitura do autor, é algumas vezes, muito mecânica procurando causalidades onde não existem e se existem não são dessa forma. Sem dúvida, apesar das críticas feitas aos autores do meio, é preciso reconhecer que a escolha de um único aspecto para a partir daí analisar a realidade



social sempre vai ser limitado, entretanto, é única forma de estudar a variável que se deseja. Se levássemos essa crítica a termo, ela recairia sobre todas as ciências humanas.

O estudo dos meios de comunicação propriamente ditos não pode ser negligenciado no âmbito das pesquisas em Comunicação. A Teoria do Meio traz uma abordagem inusitada sobre os efeitos dos meios de comunicação, que apesar das críticas sofridas, é clara, objetiva e pertinente, especialmente, no que diz respeito ao objeto de estudo da comunicação – a leitura do social realizada a partir dos meios de comunicação<sup>3</sup> - e, especificamente, à problemática dos meios. Finalmente, é preciso considerar que apesar dos problemas e das claras lacunas epistemológicas e metodológicas da Teoria do Meio é necessário continuar e desenvolver sua contribuição teórica, especialmente no Brasil, que tem estado à margem da pesquisa sobre os efeitos de comunicação.

---

<sup>3</sup> MARTINO, Luiz C. “Interdisciplinaridade e Objeto de Estudo da Comunicação”. In: Fausto, A. N. (org.). Campo da Comunicação. João Pessoa: Editora Universitária, 2001, b.



## **Bibliografia**

- INNIS, Harold A. *Empire and communications*. Toronto: Press Porcépic Victoria, 1952.
- INNIS, Harold A. *The bias of communcation*. Toronto: University of Toronto Press, 1971.
- MARTINO, Luiz C. “Interdisciplinaridade e Objeto de Estudo da Comunicação”. In: Fausto, A. N. (org.). *Campo da Comunicação*. João Pessoa: Editora Universitária, 2001, a.
- MARTINO, Luiz C. “Elementos para uma Epistemologia da Comunicação”. In: Fausto, A. N. (org.). *Campo da Comunicação*. João Pessoa: Editora Universitária, 2001, b.
- MARTINO, L. C. *Télévision et conscience*. Tese de doutorado. Sorbone – Paris V, Paris, junho de 1997.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios são as massa-gens*. Rio de Janeiro: GB. Tradução de Ivan Martins, 1969.
- MEYROWITZ, Joshua. *No sense of place – the impact of electronic media on social behavior*. New York: Oxford University Press, 1985.
- MEYROWITZ, Joshua. “Multiple Media Literacies.” In: *Journal of Communication* 43(3). New York, Summer, 1998. pp. 96-108.
- MEYROWITZ, J. *Medium theory*. In D. Crowley & D. Mitchell (org). *Communication theory today*. Cambridge, England: Polity Press, 1994. pp. 50-77.